

SOBRE O QUE PODEMOS NÃO FAZER ENQUANTO PSICÓLOGOS: ARTICULAÇÕES ENTRE O PENSAMENTO DE FOUCAULT E AGAMBEN.

RAYSHA THEREZA NERY¹; ÉDIO RANIERE².

¹Universidade Federal de Pelotas – raysha_nery@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – edioraniere@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A atuação do psicólogo está, desde sua formação profissional, atrelada a arcabouços teóricos e metodológicos, a um conjunto de técnicas, instrumentos, a códigos de classificação diagnósticos, a uma série de normalizações que delimitam e conduzem sua performance no campo de trabalho. Dessa forma, o psicólogo deve seguir e realizar uma série de preceitos.

O presente trabalho se propõe a realizar uma análise da formação discursiva da Psicologia enquanto discurso científico, bem como os engendramentos do mesmo com o poder. A partir disso, questionar as limitações técnicas e as possíveis linhas de fuga que o psicólogo pode no exercício de sua profissão.

Para tal, o trabalho se utiliza de uma narrativa ficcional que relata a história de Bartleby, um psicólogo que trabalha no CAPS AD de uma cidade do interior do RS e vivencia uma situação que lhe causa incômodo, teria ele que classificar o relato de um usuário do serviço como alucinação ou não. Durante essa situação Bartleby se viu sentado à frente daquele homem, suas rugas denunciavam que este possuía, no mínimo, uns quinze anos a mais que ele, e se perguntou: o que me difere de Afonso? O que em mim possui tanto poder para tomar essa decisão? Para trabalhar essas questões levantadas por Bartleby, são utilizados obras dos filósofos Michel Foucault e Giorgio Agamben.

A personagem Bartleby acima mencionada é inspirada na obra publicada por Herman Melville em 1853 intitulada *Bartleby, o escrevente: uma história de Wall Street*.

Cabe ressaltar que o referido resumo aqui apresentado para este congresso é decorrente do meu Trabalho de Conclusão de Curso, que, por sua vez, só foi possível devido às leituras, discussões e pesquisas realizadas com o grupo do Projeto de Pesquisa: Vida que Vem: arte, política e processos de subjetivação, coordenado pelo professor Édio Raniere, no qual trabalhamos autores como Deleuze, Agamben e Melville.

2. METODOLOGIA

A história das ciências situa-se no eixo conhecimento-verdade, que vai da estrutura do conhecimento à verdade. A genealogia dos saberes, por sua vez, situa-se no eixo discurso-poder, das práticas discursivas ao enfrentamento do poder. (CASTRO, 2016, p. 187)

Foucault pontua, como nos introduz Azambuja (2013), que a genealogia seria melhor definida pelas expressões de proveniência e emergência, do que por origem. Proveniência “trata-se de pesquisar não a semelhança, mas articular uma complexa rede de elementos singulares e sutis e decifrá-la pacientemente. A tarefa não é mostrar que o passado original ainda está vivo, mas, antes, como o

presente foi constituído [...]. A proveniência trata o corpo como lugar privilegiado no qual a história efetuiu-se e efetua concretamente”. A emergência, por sua vez, se produz no complexo jogo de fatores e forças que a produzem. A análise da emergência deve desmascarar as forças e as vontades implicadas. [...] Ela sempre se dá numa relação entre dominados e dominadores. As regras estabelecidas são apenas mais uma violência, ou seja, uma forma de dominação. [...] Insurge-se a genealogia contra os metarrelatos da história. Ela quer colocar em cena os saberes marginalizados (dos loucos, dos presos, por exemplo) como elementos importantes na construção de um saber. É uma pesquisa que faz-se crítica à ciência e, ao mesmo tempo, assume em seu processo elementos valorativos que permitem avaliar e não somente descrever. (Azambuja, 2013, p. 129)

Dessa forma, a partir do método genealógico que se pretende uma melhor exploração e elaboração sobre o problema dessa pesquisa. Procura-se pensar em uma análise das práticas e relações de poder, nas proveniências e emergências históricas que estabelecem a atuação do psicólogo enquanto regida por um conjunto de normalizações, bem como se existem e, se sim, quais dispositivos permitem ao psicólogo que sua prática não esteja limitada a ela.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O filósofo francês Michel Foucault (1926 – 1984) dedicou sua obra ao estudo do poder, não com o intuito de formular uma teoria, se a entendermos como uma exposição sistemática, mas a uma análise do funcionamento do mesmo. Sua filosofia política seria, utilizando suas palavras, uma “filosofia analítica do poder”. O autor considera o poder não como uma substância ou qualidade, como algo que se possui ou se tem, mas sim na forma de uma relação, uma relação de força. Foucault pensa uma arqueologia das formações discursivas para aproximar os conceitos de saber e poder, questionando sobre a ambição de poder que um discurso pode ter para adquirir o status de ciência.

Dessa forma, o filósofo propõe que há uma hierarquia entre as formações discursivas, na qual o discurso científico se sobreporia aos saberes sujeitados. E, por saberes sujeitados, o autor entende aqueles desqualificados por serem não-conceituais, insuficientemente elaborados, saberes ingênuos, abaixo do nível do conhecimento ou da cientificidade requeridos. (Foucault, 2010a, pg. 8)

Com o intuito de pensar os mecanismos de poder, seus efeitos e relações do discurso científico da psicologia que podemos recorrer a uma genealogia, pois “as genealogias são, muito exatamente, anti-ciências. Não que elas reivindicuem o direito lírico à ignorância e ao não saber [...]. Trata-se da insurreição dos saberes. Não tanto contra os conteúdos, métodos ou os conceitos de uma ciência, mas de uma insurreição sobretudo e acima de tudo contra os efeitos centralizadores de poder que estão vinculados à instituição e ao funcionamento de um discurso científico organizado no interior de uma sociedade como a nossa.” (Ibid, p. 10)

Apostando em uma genealogia da psicologia, Kleber Prado Filho (2014) buscou apontar proveniências e emergências históricas de algumas práticas pertencentes a outras tradições que adentraram no domínio da psicologia, assim constituindo-se como regime científico e afirmando-se como técnicas e instrumentos de intervenção psicológica. Após analisar práticas de inquérito, disciplinares, de vigilância, de exame, Prado Filho afirma que se desenvolve uma tecnologia da norma como estratégia de governo dos corpos e que a norma está no cerne e na constituição dessa disciplina.

Se retomarmos a cena delineada anteriormente pensando na Psicologia como ciência da norma, podemos nos questionar se a performance do psicólogo Bartleby estará sempre articulada a uma tecnologia de normalização, se sua atuação sempre será limitada pelas possibilidades já estabelecidas a partir da construção teórica e técnica do próprio saber psi.

O filósofo italiano Giorgio Agamben utiliza no decorrer de suas obras a personagem de Bartleby como paradigma para pensar a potência humana, sendo essencial para este trabalho os conceitos de impotência e inoperosidade. A teoria aristotélica sobre a potência é essencial para a análise de Agamben pois considera o ser em potencial como aquele que *pode* ser e *pode não* ser, sendo somente experienciada a potência pura quando é possível exercer sua impotência. Para Agamben, é essa potência absoluta, potência pura que é característica da vida humana, afirmar a vida como potencialidade significa dizer que ela não tem uma função definida, que sua prática não está atrelada a um objetivo específico. E é somente a partir dessa perspectiva que se pode pensar o conceito de ética.

Agamben, ao pensar uma arqueologia do ofício, enquanto o que visa conduzir e governar a vida, dar forma ao uso da mesma, investiga a ontologia da operatividade na modernidade, a qual “designa a operação de um ser que não é simplesmente, mas põe-se em obra, efetuando e realizando a si mesmo”, aqui o ser é conjugado a sua efetualidade, é visto como inseparável de seus efeitos, resumindo-se à sua funcionalidade, sendo ele a própria operação (GUIMARÃES, 2015, P. 83). A partir dessa ontologia, Agamben lança luz ao conceito de inoperatividade, que só é possível alicerçado ao de potência de não. A inoperatividade não significa uma simples ausência de obra, gesto inverso ao de operar, e sim “exercer a privação no ato, relacionando-se com o seu conceito de potência de não. De modo que a inoperância não é nem atividade e nem inércia, mas algo entre estes, ou estes de outra perspectiva: a inoperância, para o homem, é a possibilidade de exercer sua impotência em todo ato, em toda obra. Nisso consiste a inoperosidade, a atividade do homem é em si mesma um tornar inoperante.” (Ibid., p. 70) Assim, para o filósofo, a inoperância se vincularia à operação, restituindo potência ao ato. Mais do que fazer ou não poder fazer, o homem pode não fazer, pode a impotência e, conseqüentemente, abre caminho para a inoperosidade.

4. CONCLUSÕES

Apesar de utilizarmos Bartleby como psicólogo na ficcionalização da cena exposta neste trabalho, não podemos pensá-lo com a mesma performance que a personagem original. Visto que, no seu exercício profissional, o psicólogo é convocado a atender demandas, a exemplo da situação que ocorreu a nossa personagem. Nesse sentido, nosso objetivo neste trabalho é pensar um psicólogo Bartleby inoperoso, ao invés de inoperante como o escrevente. Inoperante ao passo que se configura como uma ausência de obra, como uma demora no exercício da privação.

Podemos, então, pensar uma ética Bartleby? Uma ética da inoperosidade e, mais precisamente, uma ética inoperosa da práxis psicológica? Sendo a inoperosidade o retomar da impotência à práxis humana, como podemos pensar um práxis psicológica retomar a sua impotência, seu uso inoperoso, sem estar refém de uma operatividade, um uso sempre definido e pré-determinado. Pensando na Psicologia enquanto ciência da norma, enquanto um dispositivo da tecnologia da normalização, poderíamos pensar em uma ética inoperosa da

norma? Um agir do psicólogo que coloque em suspensão a especificidade do uso da norma?

Para Agamben, o dispositivo consiste em “um conjunto de práxis, de saberes, de medidas, de instituições cujo objetivo é o de administrar, governar, controlar e orientar, em um sentido em que supõe útil, os comportamentos, os gestos e os pensamentos dos homens”, se constituindo enquanto uma estratégia para a captura e o governo do ser humano e de sua vida, inscrevendo-se sempre em uma relação de poder (AGAMBEN apud GUIMARÃES, 2015, p. 90). Utilizando a norma enquanto dispositivo, não se precisa destruí-la ou inutilizá-la, mas liberar a sua potencialidade para um novo uso, sem necessariamente estar vinculado a sua especificidade original.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, G. **A comunidade que vem**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

AGAMBEN, G. **Bartleby, ou da contingência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

AGAMBEN, G. **Nudez**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

AZAMBUJA, Celso Candido. Introdução ao método genealógico de Nietzsche. **Ethic@ - Revista Internacional de Filosofia da Moral** do Núcleo de Ética e Filosofia Política da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, v.12, n.1, p.127-142, jun. 2013.

CASTRO, E. **Introdução a Giorgio Agamben**: uma arqueologia da potência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault** – Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014a.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010a.

FOUCAULT, M. **Os Anormais**: curso no Collège de France (1974-1975). 1ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010b.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014b.

GUIMARÃES, Diego. **Agamben & Bartleby**: a personagem como paradigma para investigar a potência de não e a inoperosidade. 2015. 108 f. Dissertação (Mestrado em Estética e Filosofia da Arte) – Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, Universidade Federal de Ouro Preto.

PRADO FILHO, K. Para uma genealogia da Psicologia. In: GUARESCHI, N. M. F.; AAZAMBUJA, M. A.; HUNING, S. M. (Org.). **Foucault e a psicologia na produção de conhecimento**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. Cap. 4, p. 107-123.